



PARTIZAN

Memórias e reflexões sobre a
“Pequena História”

Artur Amorim

Artur Amorim

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A543p

Amorim, Artur.

Partizan: reflexões sobre a pequena história / Artur Amorim. –
São Paulo: [s.n.], 2021.
252 p. : il. ; 21 cm.

ISBN 978-65-89416-46-4

1. Ficção. 2. Literatura brasileira. 3. Reflexão histórica. I. Título.

CDD: B869.3

**Ficha catalográfica elaborada por
Débora Soares Vicente de Santana – Bibliotecária CRB-9/1914**

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869.3

Imagem da capa: Milja Marin, guerrilheira iugoslava, inverno de 1943, norte da Bósnia (foto: Žorž Skrigin), disponível em <https://www.deviantart.com/abeecolorize/art/Milja-Marin-Colorized-747038333>, consultado em 08/01/2021.



PARTIZAN

Memórias e reflexões sobre a
“Pequena História”

Artur Amorim

Edição: Robson Gonçalves

Primeira Edição **ISBN** 978-65-89416-49-4

Edição do Autor

São Paulo, fevereiro de 2021.

Artur Amorim



Partizans em ação.
Selo Soviético de 1942



Partizans em ação.
Selo iugoslavo de 1945

PARTIZAN

Para meu pai, Alberto Pinto da Fonseca Amorim.

Artur Amorim

Conteúdo

Prefácio do autor	9
1. TUDO TEM HISTÓRIA	15
2. O RATO	23
3. LISTAS TELEFÔNICAS	35
4. VIOLÊNCIA	49
5. BELMONTE	67
6. UPA, UPA!	81
7. CARTAS	105
8. MIGRAÇÃO	117
9. DKW	129
10. SÃO CRISTÓVÃO	143
11. O TREM ATRASOU	153
12. ÓLEO MARIA	165
13. BARBOSA	175
14. FETICHE	189
15. CARTÓRIOS	205
16. INSPETOR SANTOS	219
17. VAMPIROS	227
EPÍLOGO	237

Artur Amorim

Prefácio do autor

Caros leitores.

Escrever é terapêutico, posso dizer por experiência própria. Há quase onze anos tenho feito esse exercício de busca interior por uma autocompreensão mais ampla, colocando no papel todo um conjunto de impressões e registros pessoais. Páginas e páginas foram produzidas assim, literalmente com papel e tinta. No entanto, conforme o tempo foi passando, comecei a perceber que algumas dessas reflexões tinham que ser compartilhadas. Era como se as próprias palavras gritassem a partir das páginas dos meus muitos cadernos.

Em novembro de 2018, procurei meu velho amigo e mostrei a ele alguns dos meus registros. E ele me incentivou a converter os manuscritos em um livro de fato. Como resultado do processo que começou ali, em maio de 2019 concluí meu primeiro livro, “Anima Mea”. Eu mal havia dado aquele projeto por terminado e o mesmo amigo

me instigou a produzir outro. Concordei, mas não tinha um bom mote, uma ideia-força. Pensando hoje sobre como tudo ocorreu na composição daquele segundo texto, sinto como se meu inconsciente houvesse posto todo um conjunto de ideias em barris de carvalho, esperando a maturação da bebida criativa para só depois apresentá-la ao consciente. E a bebida ficou pronta em setembro de 2019, quando finalmente comecei a escrever “O Sótão”. O livro foi concluído em dezembro do mesmo ano, escrito e editado muito rápido em uma verdadeira fúria criativa.

Concluído “O Sótão”, eu imaginava que minha saga já tinha sido encerrada. Ledo engano. Algo indefinido ainda me perturbava, um misto de satisfação e insatisfação, a visão do caminho percorrido e a atração pelo horizonte adiante de mim. Em meu íntimo, sentia as portas do inconsciente sendo esmurradas de dentro, mas não conseguia compreender quem batia. Foi preciso um bom tempo para entender as razões desse estado. Minha intuição me dizia que faltava um elo no meu projeto de autoconhecimento. Afinal, naqueles dois livros, convidei os leitores a uma aventura pelas profundezas da minha alma humana, tanto em cima como em baixo, ou seja, visitei os meus porões, vasculhei as minhas sombras e depois fui ao sótão em busca de um caminho possível para a minha individuação.

Mas, como a alma habita o corpo, naqueles escritos eu não mostrei a casa, o palpável, o perceptível. Em minhas incursões, tanto no porão como no sótão, precisei do auxílio simbólico e arquetípico das papisas, as guardiãs do portal do oculto e dos segredos do inconsciente. Precisei me

PARTIZAN

entender com elas, com as múltiplas facetas desse Arcano para vasculhar os segredos ocultos nas dobras de minha própria psique.

Agora, no texto que se segue, é hora de visitarmos o térreo, o visível, o conhecido e o sensível. Não vou precisar mais da ajuda delas, as papisas. Mas isso não quer dizer que eu as estou dispensando! Afinal, neste novo livro, vou precisar do poder da intuição para preencher as lacunas da memória. Minha intenção é apresentar aos leitores aquilo que sou eu mesmo, meu eu aparente, meu Ego, sem segredos e sem precisar da máscara das personas.

Nesse novo processo criativo, não houve dilemas sobre o que apresentar. Pretendo mostrar aos leitores o que sou em meu contexto social, revelar facetas do exercício de meu ofício, no qual fui temperado e preparado ao longo destes cinquenta anos, a imagem com a qual eu me identifico no mundo de forma consciente: professor de História e historiador. Um partizan da História, na verdade, acostumado a lutar no subterrâneo, a sabotar as narrativas impostas pelo poder e pelo capital.

A despeito da ignorância, o grande inimigo de todo professor, levar a memória aos recônditos esquecidos da sociedade, ainda que seja um trabalho quixotesco, é algo muito gratificante. Por isso me proponho a inserir nessa luta a “pequena História”, aquela que fala do mundo familiar e das pequenas coisas, algo em processo de esquecimento no turbilhão pós-moderno que devora essas memórias, arrastando as novas gerações que se sentem conectadas a tudo e não valorizam nada de verdade.

Artur Amorim



Cartas da década de 1960.

Fonte: Acervo do autor.

Quando concluí minha formação universitária, não tinha grandes ambições, sabia dos meus limites, fui para o sacerdócio, como expliquei no capítulo o “Papa” do meu livro “Anima Mea”. Eu tinha consciência de que ainda não era maduro para compreender a fundo os problemas da História. Mesmo assim, nunca me afastei dos livros e, durante o exercício do magistério, nas muitas aulas ministradas, fui ampliando minha compreensão e ganhando força para enfrentar as complexidades da História e seus processos. E, na medida do possível, fui reconhecendo minha própria relevância na luta tão desigual contra da

PARTIZAN

grande e poderosa Hidra do capital que a cada dia torna-se mais pífida e má, triturando pessoas, mentes, almas.

O livro que apresento não será como os dois anteriores, não será um romance imaginativo. O texto foi elaborado como se fosse uma conversa descontraída em que eu estivesse deitado num divã e o leitor estivesse no paciente papel de analista, ouvindo minha reflexão sobre a vida mescladas com a própria “Pequena História”.

São Paulo, 06 de fevereiro de 2021.

Artur Amorim

1. TUDO TEM HISTÓRIA

Como professor, compartilho sempre com meus alunos um pensamento e uma crença que repetido como se fosse um a mantra: “Tudo tem história, tudo tem uma origem e tudo aquilo em que há uma ação humana é um fato histórico”. É como num toque de Midas; mas a mudança não é instantânea, não transforma nada em ouro e o toque é dado pela ação do tempo.

Quase que por ironia, o livro que ofereço agora aos meus leitores é um bom exemplo disso e não escapou a esse fenômeno. Gostaria de ilustrar como surgiu esta obra e mostrar por quantos caminhos tortuosos a ideia criativa original é capaz de caminhar antes de se cristalizar na escrita.

Logo depois de terminar o “Anima Mea”, confessei ao velho amigo um desejo de trabalhar com um valioso material histórico familiar que chegou a minhas

Artur Amorim

mãos: uma autobiografia do meu tio bisavô por parte de mãe, escrita em 1977. O documento é rico de informações, como vou mostrar em capítulo específico. Não sei por que cargas d'água acabei me desanimando, pois havia outro material muito mais valioso que pedia para ser explorado. Era o “diário de guerra” do meu tio Clemente em África. Esse tesouro passou por minhas mãos, mas, confesso que o deixei escapar. Esse é outro detalhe que também irei comentar em capítulo específico com todos os nuances da história.

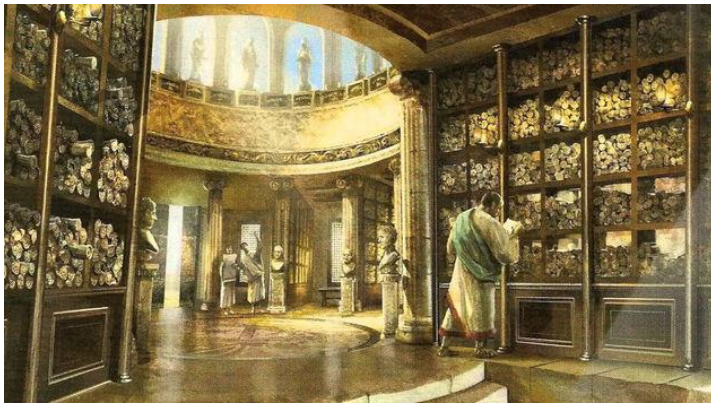


Imagem ilustrativa da biblioteca de Alexandria.

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/biblioteca-de-alexandria/>, consultado em 01/11/2020.

Imagine leitor, o que é mais perturbador para quem está envolvido pela ânsia de escrever! O material que você tem ou aquele que você não tem? Porém, o fato é que não me abalei. A perda de registros e documentos, no todo

PARTIZAN

ou em parte, faz parte das agruras dos historiadores. Eu me consolo pensando que o fato de não ter mantido comigo o manuscrito de meu tio não se pode comparar com a grande perda da humanidade que foi o incêndio da biblioteca de Alexandria. Aliás, a biblioteca de Alexandria representou um marco na minha vida, e foi fundamental na história do meu ingresso na Universidade de São Paulo. E, a esta altura, vale fazer aqui uma breve digressão.

Nos dias anteriores ao vestibular da Fuvest de 1991-92, já estava estressado em estudar para a segunda fase na qual as provas são dissertativas até hoje. E, para piorar, eu me sentia inseguro, por mais que tivesse estudado. Eu tinha um calcanhar de Aquiles: o inglês. Num vestibular competitivo, zerar em uma das provas poderia ser fatal. Logo no primeiro dia, as provas foram de língua portuguesa, redação e ... inglês. Eu me lembro bem de ter aberto imediatamente o caderno de questões de inglês, já antevendo a tragédia. Havia, é claro, vários textos em inglês para interpretação, mas, dentre as dez questões, vi uma surpreendente em português:

“O que aconteceu com a biblioteca de Alexandria?” – resposta: “Sofreu um incêndio”.

Aquela questão me encheu de alívio e de alegria. Missão cumprida: eu não havia zerado. Então, fechei o caderno de questões de inglês e me concentrei no resto da prova. Pouco depois, em fevereiro, saiu o resultado e eu tinha sido aprovado para o curso de História da Universidade de São Paulo. Semanas depois, solicitei minhas notas da Fuvest. Nota em inglês: 0,6. Foi o meu

grande troféu! Sempre digo brincando para meus alunos que a biblioteca de Alexandria me ungiu para a História.

Deixando de divagações, depois de 50 anos de existência, ingressando na segunda metade da jornada, concluí que, na vida, temos de conviver com perdas. Não perdi somente o diário de guerra do meu tio; perdi registros de antigas imagens minhas em Super 8, perdi fotos da demolição da minha antiga escola e tantos outros registros e documentos. Aliás, vale uma nota especial aqui: fui um dos últimos professores que deram aula no velho Capistrano; tirei uma foto simbólica da parede em ruínas com a minha letra na lousa.

Ainda assim, nem tudo está perdido. Minha esposa tem uma máxima: para tudo se dá um jeito. Enfim, dias atrás estava meditando como poderia ser o livro com a transcrição do diário de guerra do meu tio. Fiquei imaginando a introdução; com certeza iria inserir a história do meu pai, colocaria e comentaria as cartas que meu tio enviou de Angola para minha mãe... E, num átimo de segundo, a luz se fez em minha mente, telegrafando em fibra ótica: “As cartas... as cartas... as cartas”.

Imagine leitor! Parecia ser a cena clássica do filme do “Monty Python: em busca do cálice sagrado”, quando Deus fala ao rei Artur e a seus cavaleiros: “Artur, Artur, seu idiota...As cartas, as cartas!”

Internamente, eu gritava feito Arquimedes correndo nu pelas ruas de Siracusa: Eureka, eureka!

Pensava eu: “Oras... Se não tenho o diário, que sejam as cartas”. Mesmo tendo a devida ciência de que as

PARTIZAN

cartas eram pobres em informações frente ao diário, eu não me importei. A mente de um historiador tem sempre que trabalhar como a de um tapeceiro: um fio de ideia se trança com outro e mais outro até que, por fim, sai um tapete!

Assim, este “tapete” – este livro – será uma reflexão sobre as memórias familiares, registros, experiências como professor, tudo isto somado a um vasto material histórico, um dedicado exercício de resgate de memórias pessoais e coletivas. Para brindar e oferecer ao leitor um pequeno “carpaccio histórico” gostaria de ilustrar esta introdução citando duas situações. Uma se refere à importância do professor “partizan” de História em guerra contra a pós-verdade e da indústria cultural de massas; e a outra diz respeito a como a história está inserida em tudo e, para isso, apelarei para a biografia de dois gênios da MPB: Sinhô e Noel Rosa.

Para a maior parte das pessoas, existe uma confusão entre intérprete e autor no campo da música popular. É verdade que muitos compositores gravam suas próprias canções. Na história da MPB houve muitos compositores que fizeram sucesso, mas não tinham o verdadeiro dom da voz. Esse foi o caso de Sinhô, o rei do samba na década de 1920. Além de compositor, Sinhô foi um garimpeiro de grandes vozes que garantiram o sucesso de suas composições, como Francisco Alves, Mário Reis e Aracy Cortes.

Em fins de 1999, comecei a trabalhar com o EJA (Educação de Jovens e Adultos) na prefeitura de São Paulo. Sou um tipo de professor que sempre trabalha com

registros: “mato a cobra e mostro o pau”, como dizem meus alunos. Na época, havia uma novela da TV Globo cujo prefixo era cantado por Zeca Pagodinho. A música era “Jura”. Em uma das minhas aulas fiz uma provocação com meus alunos. Levei um CD para a sala de aula e os fiz ouvir “Jura”, mas não a gravação de 1999 e, sim, o original de 1928, cantado por Mário Reis. Os alunos ficaram atônitos. Primeiro, porque não estavam acostumados a ouvir uma gravação antiga e, segundo, por acharem que a música era de autoria de Zeca Pagodinho. E isso a ponto de um aluno se manifestar, dizendo: “Obrigado professor. Se não fosse pelo senhor, juraria que essa música era do Zeca Pagodinho!”

Não satisfeito, pesquisei em lojas o CD da trilha sonora da novela e vi na descrição das músicas “Jura – Zeca Pagodinho” e nenhuma referência ao verdadeiro compositor. Infelizmente a sociedade brasileira tem um terrível problema com sua própria memória. Pobre Sinhô, que fez muito sucesso com suas composições em sua época, hoje esquecido.

O outro “petisco” que quero mencionar nesta introdução é fruto da genialidade ímpar que este país produziu, tão rico que é em tudo, especialmente em criatividade. No Rio de Janeiro, em fins da década de 1920 e início da de 1930, muitos compositores de samba tinham o costume de vender suas criações. No mundo da malandragem e da boemia, o samba era visto por muitos como uma “commodity”, havendo até mesmo o “roubo” de algumas composições. Naquele oceano hostil de criatividade e genialidade havia os tubarões. O mais famoso

PARTIZAN

era Francisco Alves, o rei da voz. Muitos sambistas o assediavam para cantar suas criações, mas também acontecia o contrário, isto é, situações nas qual Francisco Alves era quem assediava aqueles que ele julgava serem gênios e potenciais criadores de grandes sucessos. Uma das vítimas de Chico Viola – como ele era conhecido no meio – foi Noel Rosa. Francisco Alves chegou a vender um carro para Noel Rosa em troca de um certo número de sambas. Detalhe importante: quando gravadas, essas composições não traziam registro do nome do compositor no selo do disco.¹

Uma história conhecida diz que, certa vez, Noel Rosa e Cartola, seu parceiro de samba, estavam num café próximo do bairro do Maracanã, sem dinheiro no bolso para uma cerveja. Francisco Alves, que estava no café, foi em direção aos dois e disse: “Olha... Dou 50 mil réis para cada um, mas quero dois sambas agora!” Um dos sambas que teriam sido criados na ocasião não é dos mais famosos da autoria de Noel, mas a letra demonstra a genialidade desse grande compositor da música popular brasileira.

O texto parece fazer menção a uma mulher qualquer, mas, na realidade, se refere veladamente ao próprio Francisco Alves, grande comprador de sambas. A letra é o relato dos bastidores da criação da própria obra. Genial!

¹Noel Rosa: as histórias e sons de uma época - “Subindo o morro, parte 1” – programa da Rádio Cultura AM São Paulo 1992.

Artur Amorim

“Estamos esperando”

Estamos esperando
Vem logo escutar
O samba que fizemos pra te dar
A rua adormeceu
E nós vamos cantar
Aquilo que é só teu
Que nos faz penar
Da tua voz tirei a melodia
E a harmonia eu fiz com teu olhar
Já estava perdendo a paciência
Quando roubei a cadência
Do teu modo de pisar
(Chega à janela...)
E este samba que fiz de parceria
Depois de feito não é dele nem é meu
Escuta o violão que está gemendo
Suas cordas vão dizendo
Que este samba é só teu
(Até amanhã...)

Não resta dúvida: tudo tem história!

2. O RATO

Há momentos da vida em fazemos um balanço geral do tempo vivido, uma atitude comum nos finais de ano. Sempre haverá os períodos inesquecíveis, felizes ou tristes, leves ou duros, gloriosos ou trágicos. Estes últimos, em geral, trancafiados nos arquivos mais inacessíveis da alma. Garanto que 2020 será para muitos um ano que “não existiu”. Imaginando como poderá ser 2021, nosso cérebro réptil já começa a pedir aumento nos suprimentos de adrenalina e cortisol.

Eu tenho lembrança de outros momentos difíceis. E esses tempos de pandemia talvez não estejam sendo os piores. 1994, em especial, teve um gosto agridoce para mim. Em maio daquele ano, perdi minha mãe e, no entanto, depois de três dias de luto – e para minha surpresa –, fui chamado para um estágio que foi um marco em minha vida.

Até certo ponto, aquilo aliviou a dor e me fez encontrar dentro de mim mesmo novas energias.

Um pouco antes da morte de minha mãe, por influência do curso de História, fui me tornando mais atento à questão dos registros pessoais, principalmente cartas. Meus pais mantiveram o hábito de escrever em certo período de suas vidas; deveras, pois era o único meio de comunicação de que dispunham no período. No Brasil da década de 1960 possuir telefones era um luxo e o telefone era o maior rival da carta. E por ironia do destino, o estágio que me foi oferecido era no “Museu do Telefone” da extinta Telesp, a companhia telefônica do estado de São Paulo.

Todo um leque de referências e experiências que a faculdade em si não poderia me oferecer se abriu para mim e estagiar no museu foi um complemento a minha formação. Eu pude sentir exatamente o que significava ser um pesquisador e um historiador.

Sou um ser curioso por natureza. Para alguns, isso é um mal e, para outros, até certo ponto é algo positivo. Por isso tenho o hábito de “fuçar” e escarafunchar, principalmente documentos e registros, sempre em busca de informações mais ou menos esquecidas. Já tinha este hábito quando criança e adorava xeretar as malas cheias de quinquilharias de minha mãe, guardadas no quatinho no fundo de casa. Muitas daquelas quinquilharias eram revistas velhas, fascículos de enciclopédia e... cartas.

Por conta desse meu traço de personalidade, durante o estágio, a reserva técnica era para mim o eldorado. Mal sabia minha mãe que aquelas malas perdidas

PARTIZAN

no fundo de casa, meio roída por um camundongo com fome de registros, fariam de mim uma ratazana enorme e gulosa que passaria horas e horas de pura alegria na reserva técnica do museu do telefone.

Quando compareci ao setor de recursos humanos da Telesp para dar início ao estágio, fui orientado a me dirigir à Rua Martiniano de Carvalho na capital paulista, sede da Telesp e do museu. E lá fiquei sabendo que eu tinha sido alocado na reserva técnica do museu, situado no bairro da Barra Funda. Mas, antes, havia uma triste tarefa a cumprir na sede. O museu estava prestes a ser desativado e precisavam de gente lá para fazer o trabalho pesado de desmonte.

Fiquei na Martiniano por duas semanas. O museu estava instalado no térreo da sede da Telesp, um prédio enorme de 22 andares. Foi triste participar no desmonte do museu que fora inaugurado em 1977. Todo aquele patrimônio não seria mais o mesmo e eu estava bem consciente disso.

As instalações eram modernas, o prédio era totalmente envidraçado, todo carpetado e possuía um amplo anfiteatro interno para as visitas escolares.

O museu seria remontado bem depois na sobreloja do edifício Copan, na Avenida Ipiranga, cartão postal da cidade, planejado pelo famoso arquiteto Oscar Niemayer. Hoje sei que aquele desmonte fora o início do fim do velho museu.

Terminada a tarefa na Martiniano de Carvalho, por fim fui deslocado à reserva técnica e por lá fiquei